

## Entre a Análise do Discurso e a Psicanálise, a Verdade do Sujeito — Análise de Narrativas Oraís\*

Leda Verdiani Tfouni  
FFCLRP — Universidade de São Paulo  
Marcella Marjory Massolini Laureano  
Doutoranda/FFCLRP — Universidade de São Paulo

### Resumo:

Partindo do conceito de interpretação, nosso objetivo é promover possíveis articulações entre duas disciplinas indiciárias, a análise do discurso francesa (AD) e a psicanálise lacaniana. Os trabalhos de Pêcheux em AD e os de Lacan em psicanálise trazem uma posição distinta para conceitos cruciais desta pesquisa. Completando a discussão teórica, realizamos a análise de narrativas orais de ficção, com o intuito de apontar como a interpretação em AD e em psicanálise podem contribuir para o avanço do paradigma indiciário e também para fazer retornar na análise de dados a teoria, numa constante checagem. Pudemos observar, com este procedimento, que é possível promover uma junção de conceitos centrais destas duas disciplinas, tais como ideologia, desejo e inconsciente. Tais constatações apontam para uma harmonia possível entre a interpretação em AD e em psicanálise, o que parece dar garantia ao analista de uma interpretação que leva em consideração o sujeito da ideologia e o do inconsciente.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso; Pêcheux; Lacan.

### Abstract:

Starting from the concept of interpretation, our objective is to promote possible connections between two indiciary disciplines, the French discourse analysis (AD) and the Lacan-oriented psychoanalysis. Both Pêcheux's and Lacan's works bring a distinct position for crucial concepts in this research. To complement the theory, we carried out an analysis of oral fictional narratives, trying to point out, first, the articulation between AD and psychoanalysis; second, how they can contribute for the advance of the indiciary paradigm; and third, to promote a constant check up between the analysis and the theory. This analysis showed a possible junction of central concepts of these two disciplines such as ideology, unconscious and desire. Such conclusions point to a harmony between interpretation in AD and in psychoanalysis, guaranteeing to the analyst a critical vision concerning the subject of the ideology and the unconscious.

**Key-words:** Discourse Analysis; Pêcheux; Lacan.

### Résumé :

En partant du concept d'interprétation, notre objectif est promouvoir les articulations possibles entre deux disciplines indiciaries, l'analyse française du discours (AD) et la psychanalyse lacanienne. Les travaux de Pêcheux dans l'Analyse du Discours et ceux de Lacan dans la psychanalyse apportent une position distincte par les concepts principaux de cette recherche. En ajoutant la discussion théorique, on a réalisé l'analyse de narratives orales de fiction avec l'intention de montrer comme l'interprétation dans

---

\* Apoio Financeiro desta pesquisa: CAPES e CNPq.

l'Analyse du Discours et dans la psychanalyse peuvent contribuer à l'avancement du paradigme indiciare et aussi reprendre dans l'analyse des faits donnés, la théorie, dans une constante vérification. On a pu observer avec ce processus, que c'est possible promouvoir une jonction des concepts centraux de ces deux disciplines, comme l'idéologie, le désir et l'inconscient. Ces constatations indiquent une possible harmonie entre l'interprétation dans l'Analyse du Discours et dans la psychanalyse, celles garantissent à l'analyste une interprétation qui prend en compte le sujet de l'idéologie et de l'inconscient.

**Mots-clés:** Analyse française du discours, Pêcheux ; Lacan.

## Introdução

Desde a concepção da análise do discurso (AD), a teoria psicanalítica lacaniana sempre foi tocada de maneira discreta por Pêcheux, porém, pode-se dizer que a presença de Lacan na AD sempre foi, ao mesmo tempo, velada e incisiva. Isto pode ser verificado na proposta do quadro epistemológico geral da AD proposto por Pêcheux e Fuchs (1997:163-164), onde se lê:

*Ele [o quadro epistemológico] reside, a nosso ver, na articulação de três regiões do conhecimento científico:*

- 1. O materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias;*
- 2. A lingüística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo;*
- 3. A teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.*

*Convém explicitar ainda que estas três regiões são, de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica). (grifos nossos)*

Do materialismo histórico, a AD adota o conceito de ideologia, postulado por Althusser a partir de sua releitura da obra de Marx. Em relação à lingüística, a maior influência para a AD foi a de Ferdinand de Saussure e seu Curso de Lingüística Geral, principalmente no que diz respeito a uma releitura moderna, em especial aquela empreendida por Gadet (1990) e Milner (1987), relativa a conceitos até então recalcados pelo Estruturalismo Científico, tais como: valor do signo, arbitrariedade do signo e relação. Finalmente, a teoria do discurso e a adoção do conceito de formação discursiva de Foucault (1996) dão à AD seu

objeto de estudo: o discurso, que passa, nesta disciplina, a ter o acréscimo do estudo de suas condições de produção. Como notamos no trecho grifado acima, Pêcheux e Fuchs (op.cit.) referem-se a uma teoria do sujeito de base psicanalítica, porém a articulação da AD com a psicanálise não chegou a ser trabalhada em profundidade por Pêcheux, conforme comenta Malidier (2003). É nessa área de interface que este artigo se insere, dando seqüência a vários trabalhos de investigação desenvolvidos pelo grupo de pesquisa coordenado pela segunda autora há vários anos (Carreira 1997; 2000; Molena 2003; Moraes 2002; Tfouni e Carreira 1996; 1997; 1999; 2000).

Nossa tentativa, neste trabalho, é articular a AD e a psicanálise lacaniana a partir do conceito de interpretação. Sabemos que interpretar é inerente ao homem, pois, inserido no mundo simbólico, é exigido do sujeito um dar sentido a todo o momento. O surgimento das Ciências Humanas e Biológicas, no século XVII, representou uma tentativa de padronizar estes dados que sempre reclamaram por interpretação, e o modelo adotado inicialmente (que se origina em Aristóteles (cf. Pêcheux 1969) para interpretá-los, foi aquele baseado no paradigma positivista/galileano, cuja tentativa é padronizar o homem e seu discurso através de categorias fixas e rígidas de classificação e estatísticas. Tal postura sempre trouxe problemas para as ciências humanas, pois de acordo com o positivismo, os dados sempre vêm para provar algo que já está posto, e, portanto, não se presta a lidar com o inesperado, nem com a deriva, fatos indiscutivelmente importantes nos estudos do discurso.

Para contornar essa falha, por volta do século XIX surgem disciplinas que adotam o chamado paradigma indiciário (Ginzburg 1989). Entre elas, estão a AD e a psicanálise, nas quais a busca por índices não acessíveis a olho nu, nem diretamente observáveis, devolve aos dados todas as suas qualidades individuais, seus contextos, bem como as histórias de suas condições de produção (Tfouni 1992). Ao contrário da análise de conteúdo, de natureza positivista, que determina seus dados a partir de uma dada condição de produção em detrimento de muitas outras possíveis (Henry e Moscovici 1968), a AD e a psicanálise devolvem ao

sentido sua opacidade, e ao sujeito sua singularidade (entendida aqui como o modo singular pelo qual a ideologia interpela o indivíduo em sujeito).

### **Aspectos teóricos**

A partir destas considerações, faz-se necessária uma breve apresentação de dois conceitos destas duas disciplinas: o de real da língua e o de real da história. O primeiro diz respeito àquilo que escapa à língua e que a revela enquanto sujeita a falhas. É o que Lacan (1996) denominou de *lalangue*, em português, alíngua. O segundo diz respeito ao real que a história comporta e que seria o da luta de classes (Pêcheux e Gadet 1981). A psicanálise lacaniana trabalha essencialmente com o real da língua e a AD alia a este conceito o real da história. Juntos, estes dois reais trabalham para a construção de sentidos do objeto de estudo da AD, e também da psicanálise, que é o discurso (Safouan 1993).

Como assinalamos anteriormente, não foi apenas a adoção do discurso como objeto de estudo e de todos os conceitos a que nos referimos que fizeram com que a AD e a psicanálise operassem um giro na postura de interpretação de dados. É preciso considerar aqui também o resgate que estas duas disciplinas fazem do sujeito que produz seu(s) discurso(s) ao interpretar o mundo. Tanto na AD quanto na psicanálise, o sujeito não é aquele do empirismo, não podendo, portanto, ser reduzido a categorias de classificação. Como dissemos, o sujeito é singular, pois é interpelado ideologicamente (Althusser 1983) e não é um indivíduo, visto que é aquele que emerge entre significantes (Lacan 1998a) de modo único. Estes fatos marcam sua particularidade.

Vale lembrar, com relação ao exposto acima, que Pêcheux (1997a), ao falar da forma-sujeito do discurso, postula os dois esquecimentos, ou ilusões constitutivas deste sujeito, que foram denominados, respectivamente, de esquecimento no. 1, no qual o sujeito acredita ser a origem do sentido (esquecimento ideológico/inconsciente) e esquecimento no. 2, no qual o sujeito crê que aquilo que diz é exatamente igual àquilo que pensa (esquecimento

lingüístico/pré-consciente). O que temos, portanto, é um sujeito antes de tudo assujeitado e que se constitui como um efeito no interior do discurso. Como diz Henry (1992:188-189): “O sujeito é sempre e ao mesmo tempo, sujeito da ideologia e do inconsciente e isso tem a ver com o fato de nossos corpos serem atravessados pela linguagem antes de qualquer cogitação”.

Com conceitos tão complexos e um trabalho bem diverso em relação às ciências positivistas (tanto no que diz respeito à interpretação de dados quanto à concepção de sujeito) vale aqui falar um pouco sobre como se dá o trabalho de interpretação e produção de sentidos na AD e na psicanálise.

Para Pêcheux (1997b:53):

[...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro. [...] Todo enunciado, toda seqüência de enunciados é, pois, lingüisticamente descritível como uma série [...] de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. É nesse espaço que se pretende trabalhar a análise de discurso.

O que temos a partir destas considerações é que o analista de discurso vai trabalhar num lugar logicamente desestabilizado e marcado pela tensão entre o dito e o não-dito, pois será nos deslizos e pontos de deriva da língua que o analista vai pinçar um sentido (entre outros possíveis) no *corpus* a ser analisado. Os conceitos fundamentais neste processo são o de efeito metafórico (Pêcheux 1997c), que atesta o deslize e a possibilidade de múltiplos sentidos, e o de ideologia, cujo papel é naturalizar o sentido para o sujeito no momento da enunciação, lembrando sempre que estas manobras devem ser consideradas pelo analista, no sentido de acatar tanto o equívoco, quanto a opacidade da língua.

Na psicanálise, desde o trabalho freudiano com os sonhos, iniciado em 1900, até a associação livre, a interpretação sempre teve papel fundamental. Lacan (1998b), relendo Freud e incorporando a essa leitura tanto a Lingüística, quanto a elaboração de conceitos como o de Outro (lugar da verdade do sujeito) e o de objeto a (objeto causa do desejo), deposita na interpretação do analista o testemunho da verdade sobre o sintoma e o desejo. A respeito da interpretação

analítica, diz Lacan (1998c:599): “A interpretação, para decifrar a diacronia das repetições inconscientes, deve introduzir na sincronia dos significantes que nela se compõe algo que, de repente, possibilite a tradução – precisamente aquilo que a função do Outro permite no receptáculo do código, sendo a propósito dele que aparece o elemento faltante”. Em outra obra, Lacan (1998d:236-237), afirma: “A interpretação é uma significação que não é não importa qual (...) Ela tem por efeito fazer surgir um significante irreduzível. (...) A interpretação não é aberta a todos os sentidos”.

O que temos em psicanálise é uma interpretação que vai de encontro ao sintoma e ao desejo do sujeito, revelados a partir dos vestígios do inconsciente, o que aparece no discurso sob a forma de atos falhos, lapsos, repetições e esquecimentos, por exemplo. Essas manobras do inconsciente são evidenciadas por dois conceitos postulados por Lacan (1998b): o de metáfora, que compreende a substituição de um significante por outro culminando com o ocultamento do significante que foi suprimido; e o de metonímia que liga um significante a outro numa relação de contigüidade, fato este que materializa o desejo, pois a metonímia engana a censura do inconsciente ao substituir um significante por outro, deixando, deste modo, o significante substituído velado, porém sempre presente na cadeia.

Diante deste quadro extremamente complexo, levantamos a suposição de que uma análise de dados poderia servir como lugar para verificação de como esses quadros teóricos podem articular-se, visto que a análise de dados nos serve para colocar a interpretação em funcionamento (a partir do paradigma indiciário) tanto de um ponto de vista da AD quanto da psicanálise. Vale ressaltar que ao usarmos a psicanálise na interpretação do *corpus* não pretendemos de forma alguma psicanalisar o sujeito, visto que o referencial psicanalítico nos auxiliará a desvendar o desejo do sujeito a partir dos deslizos presentes na materialidade lingüística e também a mostrar o trabalho do inconsciente sobre este mesmo sujeito, o que é bem distinto da análise de divã.

### **Análise de dados sobre o *corpus***

O *corpus* escolhido constitui-se de narrativas orais de ficção produzidas por uma criança de rua, que foram coletadas pelo nosso grupo de pesquisa. A escolha de narrativas tem relevância para este trabalho, pois, como afirma Tfouni (2005: 73-74):

(...) o discurso narrativo aparece como lugar privilegiado para elaboração da experiência pessoal, para a transformação do real em realidade, por meio de mecanismos lingüísticos discursivos, e também para a inserção da subjetividade (entendida aqui, do ponto de vista discursivo, como um lugar que o sujeito pode ocupar para falar de si próprio, de suas experiências, conhecimento do mundo, ou, mais sucintamente, entendida com a forma pela qual o sujeito organiza sua simbolização particular).

A análise de narrativas nos permite, assim, detectar as formas pelas quais o desejo está amarrado à ideologia. Isto retoma a proposição de Pêcheux de que a questão da subjetividade deve ser pesquisada por uma teoria psicanalítica, o que influi certamente no trabalho de interpretação do analista, ao mesmo tempo que aponta meios de se articular a AD com a psicanálise lacaniana.

As análises que apresentaremos a seguir dizem respeito às narrativas *Mônica e Cebolinha* e *João e o Pé de feijão*, que foram contadas por J. (11 anos, sexo feminino).

Inicialmente, propomos analisá-las de forma isolada, para, posteriormente, relacionar estas duas análises. Conforme preconiza a AD, o trabalho de análise parte da eleição de recortes. A noção de recorte adotada pela AD não é aquela de uma simples eleição de palavras-chave, tal como o faz a análise de conteúdo. O recorte pode ser visto como um fragmento discursivo, que, para ser analisado, requer que se descrevam suas condições de produção, que incluem o contexto histórico, os interlocutores, o lugar de onde falam, a imagem que fazem de si e do outro e do referente. O recorte em AD será, portanto, uma série de manifestações lingüísticas que mantém uma relação direta com a história dos discursos (condições de produção) de onde foram pinçados (Courtine 1982). Neste trabalho, elegemos para a análise as repetições, recurso discursivo significativo tanto para a AD, quanto para a psicanálise (Lacan 1998e).

Observaremos também as posições de sujeito que J. ocupa ao narrar. Essas posições fornecerão pistas sobre o processo de identificação do sujeito com uma, ou outra, formação discursiva, mostrando-nos desta maneira, sua verdade, ou o modo pelo qual a ideologia o interpela, constituindo-o enquanto sujeito do desejo e do inconsciente.

Passemos, então, às análises.

## **Análise**

### *Análise 1 — Mônica e Cebolinha*

Esta foi a primeira narrativa produzida. É uma história curta, na qual o narrador faz uso de conhecidos personagens de gibis infantis.

A história conta uma situação que envolve principalmente a Mônica e o Cebolinha. Os pais da Mônica vão sair de casa e pedem para que a filha não saia. Pouco tempo depois, chega o Cebolinha e convida Mônica para sair de casa, ela não aceita, ele insiste, e ela retruca, como podemos ver no recorte:

- Vamo Mônica, vamo, tua mãe não vai sabê que você saiu.
- Não, papai não qué e mamãe não gosta.

A passagem grifada chama a atenção por ser repetida três vezes no decorrer da narrativa, e nos aponta uma direção do desejo do sujeito de não descontentar um pedido dos pais. Vale destacarmos aqui que J. nunca teve este tipo de atenção dos pais (que nem sequer moravam juntos), e que ela freqüentemente ia para a rua em busca de comida. Nos relatos de J., vemos que ela sempre atrelava as idas para a rua com fazer algo errado, como roubar frutas em um pomar, por exemplo.

A narrativa continua e os pais da Mônica chegam; o Cebolinha, então, foge, e Mônica vai até a sala, onde a mãe pergunta se ela saiu ao que ela responde prontamente que não e repete pela terceira vez o trecho que destacamos no recorte acima: "... papai não qué e mamãe não gosta".

O que notamos nesta curta história é que o sujeito, atravessado por uma formação discursiva dominante que tem um modelo de família constituída por



pai/mãe/filhos, deseja também para si esta família que é julgada “natural” e ideal. O que sabemos é que a narradora morava com uma tia e uma irmã, mal conhecia o pai, e na instituição era sempre vítima de comentários sobre a cor de sua pele, pois ela era negra e sua irmã loira, fato que explicava a todos dizendo que as duas (ela e a irmã) eram filhas de pais diferentes, o que indicia vida promíscua da mãe.

Destaca-se também o fato de o sujeito sentir a necessidade de ter a quem obedecer, fato que não faz parte de sua realidade. Supomos que o sujeito queira apenas ser criança, como todas as que ela vê, sobretudo na televisão. Apesar de estar em uma posição diferente da personagem principal da narrativa, o sujeito depara-se aqui com um desejo: ser cuidada, e, ao narrar esta história, nos mostra o lugar que desejaria ocupar, fato este que obriga a assumir uma posição de censura na ficção em relação a posturas que ele adota na vida real. Apesar de ir para a rua na vida real, na ficção, entretanto, o sujeito vê isto como incorreto, pois para ele a ação de ir para a rua está atrelada a fazer algo errado, como já destacamos anteriormente.

#### *Análise 2 — João e o Pé de Feijão*

Esta narrativa conta a história de um menino que a pedido da mãe sai para vender a única vaca da família para comprar comida. O menino (João), porém, troca a vaca por 3 feijões mágicos que se transformam numa grande planta e que leva até um castelo. João sobe até o castelo para pedir comida e encontra a mulher de um gigante que lhe dá comida em troca de trabalho. Escondido do gigante, João lhe rouba ovos de ouro e depois sua galinha, porém diz à mãe que ganhou tais coisas e acaba por fim por matar o gigante. No final da história João e sua mãe enriquecem com a galinha e recuperam a vaca que havia sido trocada pelos feijões.

Inicialmente, o que nos chama a atenção são as alternâncias e relutâncias do sujeito para definir as ações dos personagens, o que torna confusa a atribuição de papéis. Por exemplo, nota-se que, muitas vezes, as ações do gigante e do menino confundem-se, como podemos notar no recorte abaixo:

Aí, depois ele fez assi, começô a durmi assim, ó. Aí, começô durmi, chegô uma hora que ele durmiu. Aí, ele durmiu... Aí, depois ele subiu assim quietinho na mesa.

Um outro ponto são os desfechos para a ação do personagem: num primeiro momento o menino é repreendido pela mãe por ter trocado a vaca por três feijões mágicos: “Cê trocô o que eu disse por isso?”

Para tentar compensar o erro o sujeito recorre mais adiante ao pé de feijão que, depois de crescido, iria conduzi-lo até a casa do gigante. Ele vai até lá, “finge” trabalhar para a mulher do gigante, e, num descuido deste (que nem sabia de sua presença) lhe rouba os ovos de ouro. Porém, como podemos notar no recorte abaixo, o sujeito elabora uma manobra para amenizar o “erro” cometido pelo personagem: “Depois ele desceu, falô pra mãe dele o que ele ganhô.”

Sabemos que na verdade o que aconteceu foi um roubo, mas devemos nos lembrar que a narradora encontrava-se, na época da constituição deste *corpus*, numa instituição, cujo lema é a Educação pelo trabalho, e onde é comum, como em muitas outras com a mesma proposta, tentar doutrinar os internos a respeito de como ser um bom filho, de que não se deve roubar ou enganar os outros para “levar” vantagem, e coisas deste tipo. Numa posição de dominado em relação à instituição, o sujeito identifica-se com a formação discursiva dominante, porém, como podemos observar um pouco mais adiante na narrativa, o narrador faz com que o menino retorne à casa do gigante para pegar a galinha, só que desta vez o faz de maneira mais discreta, e numa posição de resistência:

Aí, a mema coisa: depois chegô o marido dela, falô assim:

- Esconde, porque se o meu marido te catá aqui, ele xin, ele te come.

Aí, depois ele falô assim:

- Tá bom, eu escondo.

Aí, depois, é... aí depois ele fez tudo de novo. A galinha tava botando ovo de oro. Aí, a galinha tava botando ovo de, ovo de oro, e começô a falá assim:

- Tô cherando um chero...

- Não, é uma coisa que eu tô fazendo pra você.

Aí, depois ele foi lá, pegô. (grifos nossos)

O narrador dá ao gigante um final trágico, e encerra deste modo a participação desse personagem, que poderia de alguma forma revelar a verdadeira origem dos ovos de ouro e da galinha, bem como julgar as atitudes do personagem Joãozinho. Como estratégia para executar esta ação, o personagem usa a ajuda da mãe, que nada sabe sobre o que realmente aconteceu:

O moleque desceu correndo. Ele falô assim:  
- Mãe, dá o martelo, dá o ma, dá o ma, dá o martelo! Dá o martelo!  
Bau, bau, bau! Bateu assim, ó. (grifos nossos)

Diante de uma aparente resolução deste conflito entre certo ou errado, o narrador acrescenta que mãe e filho ficaram ricos: “Aí, eles conseguiu ficá rico com a galinha.” No entanto, este fechamento, que poderia ser um final feliz para a narrativa, não satisfaz o sujeito, e ele acrescenta um final complementar para encerrar a narrativa: “Ficô bem rico e cus... Aí, depois o home entregô a vaca deles de novo.” Ao acrescentar esta outra informação, o sujeito consegue, afinal, compensar o erro inicial do personagem, que era o de ter feito algo que descontentou a mãe.

Podemos dizer que todo o conteúdo desta narrativa serviu como uma metáfora do funcionamento inconsciente do sujeito, e suas manobras para revelar-se diante das coisas que lhe escapam. Os dois finais consecutivos levam a pensar que, realmente, o sujeito vive dilemas e conflitos sobre discernir o que seria certo ou errado em uma sociedade que o coloca à margem. As relutâncias que foram constatadas pelo uso confuso do pronome “ele” nas diversas passagens já apontadas, situam-nos neste mar revolto de identificações do sujeito, que se coloca, hora numa posição de “errada”, e hora numa posição julgada como “correta”.

Atravessado por uma formação discursiva dominante, o sujeito encontra-se em uma encruzilhada entre “escolher” qual posição ocupar e de que maneira deve/pode lidar com esta “escolha”, e, ao narrar, produz metáforas, deslizamentos, no sentido laciano, que são colocadas nos desfechos dados aos personagens, e que podem ser interpretadas como o modo possível pelo qual o

sujeito pode responder às demandas por punir-se e/ou bonificar-se, de acordo com suas tomadas de posição. Porém o desejo de contentar, não só a si, como aos outros (e diria aqui, a posição do sujeito em relação à demanda do Outro) percorre toda a história. Na verdade o sujeito sempre irá colocar-se numa posição de alguém que deve responder a uma demanda: o personagem estava cumprindo ordens da mãe, ao desobedecê-la sente-se impelido a atender seu desejo de qualquer maneira, ou seja, roubando e enganando o gigante; e, uma vez satisfeita a demanda inicial, seus erros são apagados, a vaca é recuperada, eles se tornam ricos e o filho consegue finalmente atender ao desejo da mãe. A mãe, apesar de aparecer muito pouco na narrativa tem papel fundamental e é em sua função dela que irão guiar-se todas as atitudes do personagem.

## **Conclusões**

Vimos, aqui, que o sujeito põe-se à mercê do discurso do Outro, que lhe faz exigências às quais ela tenta de todo modo responder, mesmo sem ter certeza se é isto o que realmente quer, talvez porque este discurso do Outro lhe venha revestido de um discurso dominante, de uma formação social dominante, com a qual, por força da ideologia, ele sente-se interpelado a identificar-se.

Podemos explicar este fato tomando como base a teoria da heterogeneidade constitutiva do discurso, que tem seu respaldo exatamente nessa relação de submissão com o Outro (Authier-Revuz 1982). Como afirma Maingueneau (2004) a teoria de heterogeneidade constitutiva de Authier-Revuz traz mais uma aproximação da AD e da psicanálise lacaniana, pois coloca ao lado do sujeito interpelado pela ideologia um sujeito que é também dividido pelo inconsciente e que ilusoriamente acredita ser dono do seu dizer.

Assujeitado a um Outro que lhe faz exigências constantes e que apontam para onde dirigir seu desejo o sujeito das narrativas tenta sobreviver numa sociedade onde as crianças de rua são representadas e tratadas como marginais, além de terem origem em famílias desestruturadas. Tal discurso, que é o dominante na nossa sociedade, exige das crianças de rua que muito cedo elaborem carapaças,

ou escudos, para enfrentar os “trancos” que a vida lhe impõe. Deste modo, imaginariamente, o sujeito adota uma posição de identificação com heróis que sempre “dão um jeito”, para enfrentar e resolver essas dificuldades.

Com base em tais considerações, podemos, ainda, aventar aqui a hipótese de que o desejo do sujeito está perpassado pela ideologia, e que a constituição deste desejo no inconsciente, vai depender de como esta a interpela em sujeito. Cremos que a ideologia é o cenário de estruturação do desejo do sujeito e também do inconsciente; será a ideologia que dará os tons para a tela discursiva, e apontará, assim, as posições que o sujeito pode/deve ocupar em uma determinada formação discursiva, sem deixar de implicá-lo em seu desejo e em sua relação/submissão ao Outro (Tfouni e Laureano 2004).

Resistindo e escondendo-se numa indecisão sem fim, o sujeito tenta posicionar-se neste mundo, que lhe aparece como algo ideal a ser atingido, por exemplo, através da constituição de uma família completa que se preocupe com ele.

Pela análise realizada, podemos dizer que fica evidente a riqueza desta forma de interpretar, qual seja, a de articular a interpretação em AD e em psicanálise, pois temos em nossas mãos o retrato do sujeito singular e o funcionamento da sociedade na qual ele está inserido: sua verdade.

Analisar dados à luz da AD e da psicanálise lacaniana nos dá um novo meio de interpretar o sujeito do discurso, e também de levar em consideração as formações sociais que o determinam: o real da língua e o real da história atuando conjuntamente.

## **Referências Bibliográficas**

- ALTHUSSER, L.1983. *Aparelhos ideológicos do estado*. Rio de Janeiro: Graal.
- AUTHIER-REVUZ, J.1982. Hétérogénéité montréalaise et Hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. *DRLAV – Revue de linguistique*, 26.
- CARREIRA, A. F.1997. Era uma vez Três Sereias: análise de narrativas de crianças de rua. *Dissertação de Mestrado*, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, FFCLRP, USP, Ribeirão Preto.

- \_\_\_\_\_. 2000. Subjetividade e autoria: o sujeito como vacilo do “eu”? *Tese de doutorado*, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, FFCLRP, USP, Ribeirão Preto.
- COURTINE, J. J. 1982. Définition d’orientations théoriques et construction de procédures en analyse du discours. *Revue Philosophiques*, v. IX, número 2, octobre.
- FOUCAULT, M. 1996. *A ordem do discurso*. Rio de Janeiro: Loyola.
- GADET, F. 1990. *Saussure — une science de la langue*. Paris: Presses Universitaires Françaises.
- GINZBURG, C. 1989. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: \_\_\_\_\_. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras.
- HENRY, P. 1992. *A ferramenta imperfeita — língua, sujeito e discurso*. Campinas: Unicamp.
- HENRY, P.; MOSCOVICI, S. 1968. Problèmes de l’analyse de contenu. *Langages*, n. II, septembre.
- LACAN, J. 1996. *O seminário — livro 20 — mais ainda (1972-1973)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- \_\_\_\_\_. 1998a. Subversão do sujeito e dialética do desejo (1960). In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- \_\_\_\_\_. 1998b. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- \_\_\_\_\_. 1998c. A direção do tratamento e os princípios de seu poder (1958). In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- \_\_\_\_\_. 1998d. O inconsciente freudiano e o nosso (1964). In: \_\_\_\_\_. *O seminário — livro 11 — os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- \_\_\_\_\_. 1998e. *O seminário — livro 11 — os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1963-1964)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- MAINGUENEAU, D. 2004. Conceito de heterogeneidade mostrada/constitutiva. In: CHARADEAU, P.; MAINGUENEAU, D. (orgs.) *Dicionário de análise do discurso* (pp. 261-262). São Paulo: Contexto.
- MALDIDIER, D. 2003. *A inquietação do discurso*. Campinas: Pontes.
- MILNER, J-C. 1987. *O amor da língua*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- MOLENA, C. 2003. A relação com o feminino em narrativas de duas crianças de rua. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, FFCLRP, USP, Ribeirão Preto.
- MORAES, J. 2002. O Édipo em narrativas de ficção produzidas por uma criança e um adolescente de rua. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, FFCLRP, USP, Ribeirão Preto.
- PÊCHEUX, M. 1969. Idéologie et histoire des sciences – lês effets de la coupure galiléenne em physique et en biologie. In: PÊCHEUX, M.; FICHANT, M. *Sur l’histoire de sciences*. Paris : Librairie François Maspero.
- PÊCHEUX, M. 1997a. *Semântica e discurso - uma crítica à afirmação do óbvio (1975)*. Campinas: Unicamp.
- \_\_\_\_\_. 1997b. *O discurso — estrutura ou acontecimento? — 1983*. Campinas: Pontes.

- \_\_\_\_\_. 1997c. Análise Automática do Discurso — AAD-69. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Unicamp.
- PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. 1997. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas.(1975). In: GADET, F.; HAK, T.(orgs.) *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Unicamp.
- PÊCHEUX, M. ; GADET, F. 1981. *La langue introuvable*. Paris: Maspero.
- SAFOUAN, M. 1993. *A palavra ou a morte*. Campinas: Papirus.
- TFOUNI, L. V. 1992.O dado como indício e a contextualização do(a) pesquisador(a) nos estudos sobre compreensão da linguagem. D.E.L.T.A ., v. 8, n.2, 205-223.
- \_\_\_\_\_. 2005. *Letramento e alfabetização*. São Paulo: Cortez.
- TFOUNI, L. V.; CARREIRA, A. F. 1996. Narrativas de crianças de rua brasileiras: Uma forma de falar de si mesmo. Cadernos de Pesquisa NEP, v.2, n.2, 01 – 12.
- \_\_\_\_\_. 1997.A função da repetição nas narrativas de crianças e adolescentes de rua. Livro de Resumos do XXVI Congresso Interamericano de Psicologia, p. 345.
- \_\_\_\_\_. 1999. Dispersion as a track of interdiction in oral narratives by street children. Book of Abstracts - VI European Congress of Psychology, Londres, p. 443.
- \_\_\_\_\_.2000. La Dispersion comme trace de l'Interdit dans les Récits Oraux de Fiction des Enfants de Rue Brésiliens. Cahiers d'Acquisition et de Pathologie du Langage. França, v.20, 17 – 37.
- TFOUNI, L.V.; LAUREANO, M.M.M. 2004. Que queres? O sujeito do discurso e seu desejo: o papel da ideologia. Consciência, v.18, n.2, 09-26.